

Marcas de uso: sua contribuição no processo tradutório

Marcas de uso: sua contribuição no processo tradutório

Fábio Henrique DE CARVALHO BERTONHA
Claudia ZAVAGLIA
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas
Universidade Estadual Paulista

Resumo

Considerando que a variação linguística é frequente, um significado dicionarizado que leva em conta sua variação de acordo com o contexto (Hausmann, 1977 como citado em Welker, 2004) pode orientar a escolha do tradutor, principalmente aqueles em processo de formação, para destacar que uma palavra específica deve ser empregada em um contexto particular e restrito. Neste artigo, destacamos as conexões entre Tradução e Lexicografia, abordando aspectos relacionados à busca pelos equivalentes tradutórios frente às dificuldades contextuais enfrentadas pelos tradutores e propomos um olhar atencioso para um recurso lexicográfico bastante útil: as marcas de uso. Baseados em Fajardo (1997), Strehler (1998), Garriga Escribano (2003) e Welker (2004), selecionamos quatro unidades lexicográficas e exploramos as marcas de uso nelas inseridas a fim de verificar e refletir sobre dificuldades que tradutores possam vivenciar durante seu fazer tradutório. Para tanto, selecionamos 12 dicionários bilíngues *on-line* que rápida e gratuitamente poderiam ser usados por esses profissionais. Como resultado, temos que as etiquetas lexicográficas presentes nas microestruturas de dicionários desempenham um papel essencial, contribuindo, efetivamente, para uma melhor performance do tradutor no processo de tradução.

Palavras-chave: processo tradutório; Lexicografia; dicionários bilíngues; microestrutura; marcas de uso.

Abstract

Considering that linguistic variation is frequent, a dictionary meaning that takes into account its variation according to context (Hausmann, 1977 as quoted in Welker, 2004) can guide the translator's choice, especially those in training, for highlighting a specific word should be used in a particular and restricted context. In this paper, we highlight the connections between Translation and Lexicography, addressing aspects related to the search for translation equivalents in the face of contextual difficulties faced by translators and we propose a careful look at a very useful lexicographical resource: labels. Based on Fajardo (1997), Strehler (1998), Garriga Escribano (2003) and Welker (2004), we selected four lexicographic units and explored labels inserted in them in order to verify and reflect on difficulties that translators may experience during their translation work. To this end, we selected 12 online bilingual dictionaries that could be used quickly and free of charge by these professionals. As a result, we found that the lexicographic labels present in the microstructures of dictionaries play an essential role in contributing effectively for better translator's performance to the translation process.

Keywords: translation process; Lexicography; bilingual dictionaries; microstructure; labels.

1. Introdução

Tradução e Lexicografia guardam, entre si, uma relação íntima tratada extensamente por diversos(as) estudiosos(as), quer nos Estudos de Tradução quer na Lexicografia. A começar dessa premissa, neste artigo, refletimos sobre essas relações a partir de um ponto de vista de um recurso lexicográfico comumente empregado em dicionários: as marcas de uso. Dessa forma, propomos analisar a sua inserção nos verbetes de quatro unidades lexicográficas, quais sejam: “baleia”, “macaco”, “dragão” e “burro” em dicionários monolíngues e seus equivalentes em dicionários bilíngues.

Tencionamos reportar reflexões e conceitos propostos por Hurtado Albir (2011) sobre o processo tradutório a fim de destacar a perspectiva de emprego das marcas de uso que possa contribuir, de um lado para os consulentes – e o tradutor é um de seus principais – e de outro, favorecer a feitura de produtos lexicográficos. Além disso, interessa-nos tratar a respeito da relação do tradutor e suas opções tradutórias para a resolução de questões contextuais no decorrer de seu trabalho.

Em suma, almejamos ressaltar a substancial reflexão que deve ser feita sobre essas duas essenciais áreas do conhecimento, principalmente, por parte dos tradutores, visto que Tradução e Lexicografia apresentam um íntimo contato durante as práticas sociais de seus consulentes, dado que, quanto mais preciso for o (re)conhecimento contextual dos sentidos das unidades lexicais, mais eficiente será a prática de um tradutor ao otimizar seu ofício.

2. Considerações acerca da Lexicografia

Como ciência, a Lexicografia sujeita-se não apenas a uma teoria, mas também a etapas metodológicas. Em virtude dos avanços tecnológicos, a Lexicografia vem contribuindo em uma franca expansão de produtos lexicográficos, sobretudo em meio digital, alcançando uma gama mais ampla de investigadores. De acordo com Rodríguez Barcia (2016,), os usuários vêm utilizando motores de busca em variados dispositivos móveis (celulares, *tablets*, *laptops* etc.), que oferecem rapidez na oferta de definições e de equivalentes, pretendendo alcançar muitos usuários, porém, não necessariamente, versando sobre a qualidade das obras elaboradas.

Já na década de 1980, fora apontado por Biderman (1984), que o dicionário era um “objeto de consumo de primeira necessidade” (p. 3) que, cada vez mais, iria se aproximar dos cidadãos consulentes. Apesar de os produtos lexicográficos serem produzidos há séculos (já na Antiguidade, especialmente em relação ao grego e ao latim), foram avanços ocorridos nos últimos cinquenta anos, no Brasil, em termos teórico-metodológicos da Lexicografia, que estimularam uma maior e mais efetiva aproximação das pessoas aos dicionários.

No percurso histórico de elaboração desse tipo de obra, podemos verificar que as motivações têm sido bastante variadas, entre as quais, as trocas comerciais, processos de colonização, expansão territorial, visto que se objetivava a busca por uma legítima comunicação para as práticas sociais, o que poderia ocorrer por meio de dicionários bilíngues, por exemplo. Assim, conforme apontam Oliveira e Nadin (2018), “foi a partir da necessidade de interagir com o outro que [no século XVI] os dicionários bilíngues começaram a ser elaborados” (p. 283), inclusive, em certos casos, eram multilíngues.

Graças a estudos que levaram ao estabelecimento de princípios teóricos no que concerne a Metalexigrafia, os dicionários e sua produção passaram a compor o rol de preocupações científicas dos estudos linguísticos; entretanto, constatamos que, ainda nos dias de hoje, há obras

que não são elaboradas por lexicógrafos, nem embasadas em preceitos teóricos. Entre os estudiosos que contribuíram para que a Lexicografia se estabelecesse como ciência, temos Rey (1970), Rey-Debove (1971), Quemada (1972), Casares (1984), em meio a outros contemporâneos e a seus sucessores.

Em virtude dos estudos dos metalexícógrafos, os dicionários passaram a ser confeccionados com maior eficiência no propósito de oferecer aos consulentes produtos lexicográficos aprimorados à realidade de sua comunidade linguística. Seabra e Welker (2011) afirmam que “em geral, a palavra lexicografia refere-se a duas atividades distintas, as quais, obviamente, resultam em produtos diferentes. Essas duas subáreas costumam ser designadas pelos termos lexicografia prática e lexicografia teórica [ou Metalexigrafia]” (p. 30). Logo, podemos compreender a Lexicografia sob dois ângulos integrantes: (i) estruturação e feitura de dicionários; e (ii) exame, verificação e estudos acerca dos fundamentos que abrangem as obras. E dessa apreciação teórica da Metalexigrafia (Lexicografia teórica) baseia-se a formulação dos produtos lexicográficos, suas tipologias, suas organizações e, principalmente, o estabelecimento do público-alvo a ser atendido (Welker, 2004, e Rodríguez Barcia, 2016).

Levando-se em consideração as particularidades dos produtos lexicográficos e do seu público-alvo, os estudos metalexicográficos podem versar sobre áreas e subáreas cujas temáticas estejam relacionadas: (i) à elaboração estrutural de dicionários; (ii) à formulação de preceitos que direcionam produtos mono-, bi- e multilíngues; (iii) a estudos referentes a modos de se aperfeiçoar o trabalho dos lexicógrafos e suas obras. Somos conscientes de que o labor lexicográfico não é fácil, por isso os caminhos a serem seguidos para a produção de obras relevantes à sociedade não são óbvios. No entanto, passo proativo nessa empreitada pode ser a ampliação de diálogo com os pares e com profissionais de outras áreas afins, tais como, os tradutores.

3. Estudos da Tradução e os tradutores

Informação, criatividade, registro, expressão somados à proximidade entre língua(s) e cultura(s) são apontados por Farghal (1994), entre outros diversos fatores, como pontos de grande influência durante o processo tradutório, por isso esse estudioso lança luz sobre questões conceituais que envolvem a equivalência, pois:

a tradução é um modo de comunicação em que as escolhas estão sujeitas mais a um princípio de equivalência entre um texto de partida em uma língua e um texto de chegada em outra. O termo ‘equivalência’ designa, essencialmente, a correspondência de efeitos, ou seja, os efeitos do original sobre o público da língua de partida em comparação com os efeitos da tradução sobre o público da língua de chegada (Farghal, 1994, p. 57).¹

Não podemos nos furtar a destacar a quão equivocada é a concepção de que o processo tradutório possa resultar em uma busca biunívoca pelos equivalentes linguísticos, quer dizer, para toda palavra estrangeira haveria um correspondente tradutório na língua de chegada. Diante disso, não arguimos favoráveis à defesa de que haja casos em que ocorra a impossibilidade tradutória,

¹ Tradução nossa para “Translation is a mode of communication where choices are further subjected to a principle of equivalence between a Source Text in one language and a Target Text in another. The term ‘equivalence’ most essentially designates the correspondence of effects, i.e., those of the original on the Source Language audience versus those of the translation on the Target Language audience”.

muito pelo contrário, pois, conforme defendido por Armstrong (2005), também acreditamos que, independentemente de qual for o conceito, sempre será possível expressar linguisticamente uma unidade lexical de uma língua de partida em uma língua de chegada. Existem equívocos, também apontados por Armstrong (2005), a respeito da ineficácia conceitual do que é a equivalência, dado que cada significante não necessariamente corresponde a um único significado, isto é, a variabilidade semântica está presente nos signos linguísticos, o que se apresenta mais evidente quando ocorre a tradução entre duas culturas quaisquer.

O texto traduzido nasce em meio a uma certa realidade contextual específica à sociedade da língua de chegada e, segundo Hurtado Albir (2011), ocorrendo em vários espaços comunicativos e sendo influenciado por variáveis. Em consonância com essa autora, Cronin (2006) reforça a indispensabilidade de se reconhecer as diferenças e a atenção às singularidades das línguas utilizadas por seus falantes. Considerando-a como um ato comunicativo, a tradução pode ser reconhecida como uma prática ideológica em que são desenvolvidas práticas sociais que enfrentam intervenção de fatores comunicativos, semântico-pragmáticos, bem como semióticos, propulsores do processo comunicativo.

Não podemos deixar de mencionar o papel ímpar do tradutor, incumbido por erguer pontes entre povos e suas culturas ao entregar sua tradução, cumprindo papel essencial ao detectar distinções entre os sistemas linguísticos e preservá-las durante o processo tradutório. Nesse sentido, é um profissional cuja formação:

[...] é composta por experiências diárias que lhe dão possibilidades de determinar através dos textos escritos a história e o tempo do outro. Uma dinâmica constante que depende de sua consciência, da sua conduta e da sua atitude como sujeito social dentro de um processo comprometedor e único (Santos e Marques, 2012, p. 78).

Diante disso, destacamos que a tradução é, de fato, uma prática social que visa intermediar o processo comunicativo entre culturas diversas, resguardando não apenas sua identidade, mas também sua diversidade. Os múltiplos contextos sócio-histórico-político-culturais, revelados durante o processo tradutório, demonstram a complexidade inerente a essa atividade, sujeita às circunstâncias derivadas das interações mútuas entre as culturas envolvidas, pois, segundo Rosa (2010), “as línguas são diferentes, mas as traduções são evidências de que o que se diz numa língua pode ser traduzido em outra. As línguas não diferem no que pode ser expresso, mesmo que uma tradução não permita apreender um jogo de palavras na outra língua” (p. 171).

Portanto, verificamos que as características específicas de cada cultura representam maneiras de encarar o mundo e, conseqüentemente, o texto traduzido busca expressá-lo linguisticamente, transcendendo a abordagem tradicional de tradução literal (palavra por palavra) ou mesmo de adaptação entre os sistemas linguísticos. Ao contrário, a tradução se mostra, de fato, como uma releitura de contextos diversos, evidenciando-se não ser um processo restrito às palavras, mas sim que deve considerar os contextos linguísticos e extralinguísticos.

4. Variação linguística

Vários lexicógrafos mencionam o reconhecimento da variação linguística em suas obras, dentre eles, Hausmann (1977) que aventa a seguinte possibilidade de agrupamento para a sistematização das marcas de uso:

diacrônicas (por exemplo, antiquado, envelhecido, neologismo); diatópicas (aplicadas a acepções restritas a certas regiões ou países); diaintegrativas (usadas para assinalar estrangeirismos); diamediais (diferenciam entre as linguagens oral e escrita); diastráticas (por exemplo, chulo, familiar, coloquial, elevado); diafásicas (diferenciam entre as linguagens formal e informal); diatextuais (assinalam que o lexema – ou acepção – é restrito a determinado gênero textual; por exemplo, poético, literário, jornalístico); diatécnicas (informam que a acepção pertence a uma linguagem técnica, a um tecnoleto); diafreqüentes (em geral: raro, muito raro); diaevaluativas (mostram que o falante, ao usar o lexema, revela certa atitude; por exemplo, pejorativo, eufemismo); dianormativas (indicam que o uso de certa acepção – ou lexema – é errado pelas normas da língua padrão) (Hausmann, 1977 como citado em Welker, 2004, p. 131).

Em um primeiro momento, poderíamos perceber como resolvida a questão contextual visto que essa lista categorizadora proposta por Hausmann seria capaz de proporcionar um padrão a ser adotado pelos lexicógrafos, já que as acepções dos verbetes poderiam se ajustar a um dos 11 agrupamentos supramencionados. No entanto, Welker (2003) aponta para o fato de que seria possível que esbarrássemos com microssistemas que escapariam à regra, como é o caso dos estrangeirismos (rapidamente identificáveis), uma vez que não é fácil precisar o instante em que essas unidades lexicais deixam de sê-lo, isto é, é difícil delimitar suas fronteiras e demarcá-las de forma evidente. De outro ponto de vista, há muitas dificuldades para se precisar as marcas diatópicas (regionalismos), como por exemplo, em produtos lexicográficos da língua inglesa, nos quais se constata a forte presença e influência das variantes britânica e norte-americana em detrimento a outras de prestígio mundial inferior.

5. Marcas de uso

Com base em Fajardo (1997), Garriga Escribano (2003) e Welker (2004), propusemos uma análise sobre a presença e mesmo a ausência de marcas de uso utilizadas para destacar os contextos em que figuram os itens lexicais e/ou suas acepções e/ou seus respectivos equivalentes tradutórios para as entradas mencionadas anteriormente.

Rótulos, rubricas ou etiquetas lexicográficas também são termos que se referem às marcas de uso a depender da escolha terminológica seguida pelos lexicógrafos e, efetivamente, promovem uma ampliação na descrição das unidades lexicais e, por conseguinte, uma melhor compreensão aos consulentes. Sob a perspectiva de Lara (2004), quando as acepções apresentam marcas de uso, o dicionário cumpre uma de suas funções que diz respeito a proporcionar o entendimento contextual dos itens lexicais. Nessa mesma esteira, Strehler (1998) defende que são recursos fundamentais para destacar a variação linguística, visto que “[...] caracterizam as palavras que fogem, sob certos aspectos, ao uso corriqueiro, normal, da língua de uma comunidade linguística” (p. 172).

Segundo Garriga Escribano (2003), a etiquetagem corresponde a um recurso linguístico que é extremamente útil para enfatizar as realidades contextuais em que circulam as unidades lexicais em razão de sua restrição de uso; sendo assim, o emprego das marcas de uso é essencial para os usuários, de modo particular para os profissionais especializados, como os tradutores. Como pontos relevantes que merecem destaque ao se elaborar a descrição do verbete, os usuários pressupõem encontrar informações concernentes: (i) ao registro (por exemplo, *informal*, *gíria* ou *literário*) em que a unidade é empregada; (ii) à atualidade (por exemplo, *arcaico* ou *antiquado*); (iii) ao posicionamento espacial (limites geográficos por onde o item lexical circula); (iv) ou ainda

com relação ao efeito de sentido que determinado emprego possa causar (por exemplo, *jocosidade* ou *pejoratividade*).

Para Lara (1996), essas rubricas utilizadas, comumente arbitrárias, são normativas, uma vez que advertem os consulentes acerca do uso, quer dizer, aspirando localizar com maior precisão seus contextos. É preciso que, estruturalmente, não só as marcas de uso, mas também outros recursos lexicográficos, estejam muito adequadamente empregados para não originar imprecisões à medida que a marcação possa se referir a apenas uma ou a diversas acepções (Welker, 2004), tendo em conta que isso pode interferir negativamente na própria consulta. De qualquer forma,

[...] apesar de todas as dificuldades, seria desejável que houvesse mais marcas de uso do que se verificam na maioria dos dicionários. Elas são imprescindíveis quando se precisa de ajuda na produção de textos, mas também são importantes na recepção, pois sem elas não se alcança uma compreensão exata do texto (Welker, 2004, p. 134).

Por meio do emprego de etiquetas lexicográficas, o consulente é capaz de averiguar os limites de uso para determinada unidade lexical. Sob a perspectiva de Garriga Escribano (2003), elas se subdividem em marcas diafásicas, diacrônicas, diastráticas, diatópicas, diatécnicas e marcas de transição semântica. Também Fajardo (1997) aponta que, mesmo encontrando discrepâncias referentes ao emprego das etiquetas nos produtos lexicográficos, elas devem estar presentes e respaldadas por uma sistematização com o objetivo de suprimir imprecisões que possam vir a ocorrer.

Em consequência disso, o reduzido aporte teórico que sustente a instalação de uma padronização uniforme e concordante no que diz respeito às marcas de uso pode levar a tratamentos subjetivos, parciais ou mesmo discordantes nos produtos lexicográficos. Assim, parece-nos oportuna a investigação sobre a etiquetagem, principalmente quando se trata de dicionários bilíngues (DBs), visto que tendem a melhorar, ao máximo, as condições para efetuar-se o processo tradutório.

6. Percursos metodológicos e análise de algumas marcas

No que cabe aos estudos de tradução, de acordo com Hurtado Albir (2011), encontram-se subdivididos em teóricos, aplicados e descritivos, sendo que, dentre eles, interessa-nos a perspectiva descritiva, que corresponde a nosso enfoque no que diz respeito às decisões que um tradutor tenha de tomar diante de sua checagem a conceitos e equivalentes durante o processo tradutório a variados dicionários.

Neste estudo, apresentamos as relações entre Tradução e Lexicografia sob a perspectiva da verificação tradutória em dicionários e da análise de questões lexicográficas que os tradutores enfrentam, bem como estratégias (aferição em variadas obras) e recursos mais adequados para sanar dúvidas que surgem durante o processo tradutório, dentre eles, o olhar atento para as marcas de uso empregadas em verbetes de dicionários.

Os verbetes das quatro entradas “baleia”, “macaco”, “dragão” e “burro” foram coletados de Houaiss (Houaiss e Villar, 2024) – doravante HOv (2024). Em seguida, buscamos por seus equivalentes tradutórios em 12 dicionários bilíngues, triangulando as línguas portuguesa, inglesa e italiana (pt-in-it), a saber:

- Compact Oxford Italian dictionary: English-Italian (Summers, 2013), doravante COIDin-it (2013);
- Compact Oxford Italian dictionary: Italian-English (Summers, 2013), doravante COIDit-in (2013);
- Michaelis Português-Inglês (Trevisan, 2024), doravante MIpt-in (2024);
- Michaelis Inglês-Português (Trevisan, 2024), doravante MIin-pt (2024);
- Michaelis Português-Italiano (Polito, 2024), doravante MIpt-it (2024);
- Michaelis Italiano-Português (Polito, 2024), doravante MIit-pt (2024);
- Cambridge Dictionary English-Italian (Phillips, 2024), doravante CDin-it (2024);
- Cambridge Dictionary Italian-English (Phillips, 2024), doravante CDit-in (2024);
- Larousse inglese-italiano (Jeuge-Maynard, 2024), doravante Lin-it (2024);
- Larousse italiano-inglese (Jeuge-Maynard, 2024), doravante Lit-in (2024);
- WordReference English-Italian (Kellogg, 2024), doravante WRin-it (2024);
- WordReference Italian-English (Kellogg, 2024), doravante WRit-in (2024).

Em seguida, as acepções que possuíam etiquetas foram extraídas e contrastadas com o objetivo de refletirmos em relação à escolha tradutória escolhida para cada uma delas, a partir do emprego das etiquetas lexicográficas e sua influência nesse processo. Neste caso, interessou-nos o emprego das marcas de uso diastráticas e se sua inserção, uma vez que poderia auxiliar o tradutor na melhor compreensão de seus sentidos particulares a fim de que ele não incorresse em equívocos linguísticos entre a língua de partida e a de chegada, advertindo-o de seu uso em contexto

Assim, iniciemos nossas análises e reflexões pela unidade “baleia”, conforme Quadro 1:

Quadro 1. Entrada “baleia”.

baleia **substantivo feminino** **1** MASTZOO design. Comum às várias spp. De grandes mamíferos cetáceos, marinhos, principalmente as das fam. dos balenídeos e dos balenopterídeos **2** *p.ana.*; *infrm.*, *pej.* indivíduo muito gordo; obeso **3** (1911) *p.ana.*(da acp. 1); *B.*; *infrm.* coisa de dimensões avultadas **4** ASTR constelação de vasta área, austral na maior parte, situada a oeste de Eridano, a leste de Aquário e ao sul de Áries e de Peixes inicial maiúsc. **5** *p.met.*; COST; *p.us.* m.q. barbatana (no sentido de 'haste flexível')

Fonte: HOv (2024).

Nas acepções 2 e 3, as seguintes marcas foram inseridas: *p.ana.* (*por analogia*), *infrm.* (*informal*), *pej.* (*pejorativo*) e *B.* (*Brasil*), com o intuito de destacar o sentido conotativo do seu emprego, no caso, negativo. Em se tratando de uma busca por equivalentes para essa significação, o tradutor teria de buscar por correspondentes de mesma carga semântica, cujo contexto fosse aquele no qual um falante desejasse ofender ou tivesse a intenção de insultar seu interlocutor. Parece-nos que, para esse fim, a inserção de marcas diastráticas seria o ideal. Com efeito, as marcas diastráticas “abarcam sentidos de interdição cultural e/ou religiosa sobre um determinado uso pejorativo, eufemístico, usos de baixo calão, obscenidades, proibição imposta por costume social e que revelam os usos intencionais do falante no discurso” (Bertonha e Zavaglia, 2022, p. 69). Diante disso, vejamos a proposta de equivalência dada em obras bilíngues nas direções: PT-IN; IN-PT; PT-IT; IT-PT; IN-IT; IT-IN.²

² PT-IN: português-inglês; IN-PT: inglês-português; PT-IT: português-italiano; IT-PT: italiano-português; IN-IT: inglês-italiano; IT-IN: italiano-inglês.

Quadro 2. Equivalentes tradutórios para “baleia”.

Dicionários	Entradas
COIDin-it, 2013	whale <i>n</i> balena (p. 815)
COIDit-in, 2013	balena / <i>f</i> whale (p. 39)
MIpt-in, 2024	baleia Sf 1 whale 2 BRAS, POP something impressive in size. 3 FIG a fat person.
MIin-pt, 2024	whale <i>n</i> 1 ZOOLOGIA baleia. 2 AMERICANO algo muito grande, impressionante: <i>he is a whale at tennis</i> / ele é um colosso em tênis.
MIpt-it, 2024	baleia <i>sf</i> ZOOLOGIA balena, cetos.
MIit-pt, 2024	balena <i>sf</i> baleia.
CDin-it, 2024	whale a <u>type</u> of very <u>large mammal</u> that lives in the <u>sea</u> . balena
CDit-in, 2024	balena noun [feminine] (ANIMALE) whale. <i>grasso di balena</i> whale blubber
Lin-it, 2024	whale noun balena <i>f</i>
Lit-in, 2024	balena . sostantivo femminile. whale
WRin-it, 2024	whale <i>n</i> (large sea mammal) balena <i>nf</i> . Whales live in the ocean. <i>Le balene vivono nell'oceano</i> .
WRit-in, 2024	balena <i>nf</i> figurato, spregiativo, offensivo (persona molto grassa) overweight person <i>n</i> , fat person <i>n</i> (figurative: fat person) whale. <i>Luisa è diventata una balena da quando non viene più in palestra. Luisa has become a whale since she stopped coming to the gym.</i>

Fonte: dicionários do corpus.

Observemos que apenas os dicionários MIpt-in e WRit-in reportam o sentido negativo de ofensa ou de insulto para “baleia”. Entretanto, as marcas empregadas nesses dicionários não ressaltam o valor diastrático dessas acepções, amenizando, portanto, a carga nociva de seu emprego. Dessa maneira, acreditamos que, ao invés de serem utilizadas as etiquetas BRAS (Brasil), POP (popular), FIG e figurative (ambos, figurativo), seria preciso empregar uma marcação dupla, no caso, esta: <pejorativo/ofensa> para ressaltar esse aspecto no contexto de uso ao usuário, dado que há uma desqualificação concernente ao corpo humano. A marcação dupla é uma proposta feita por Bertonha (2022), que defende que a etiquetagem seja “constituída de uma marca 1 (de sentido mais geral) e de uma marca 2 (de sentido mais particular)” (p. 195). Ressalte-se que nas outras obras do corpus o sentido pejorativo não é atribuído em nenhuma acepção.

Vejamos a entrada “macaco”:

Quadro 3. Entrada “macaco”.

<p>macaco substantivo masculino 1 MASTZOO design. Comum aos primatas, com exceção do homem e dos prossímios; símio 2 <i>fig.; pej.</i> indivíduo de pouca personalidade, dado a copiar o procedimento de outras pessoas; imitador 3 <i>p. ana. (da usq. 1); pej.</i> indivíduo feio, caricato 4 <i>fig.</i> Indivíduo astucioso, finório 5 <i>B</i> contrapeso que é colocado em monjolos (no sentido de 'engenhos rudimentares') defeituosos para dar-lhes o necessário equilíbrio 6 (1789) aparelho para levantar cargas pesadas a pequena altura, constituído de uma cremalheira e um sistema de rodas dentadas ou de roscas, que é acionado por manivela ou alavanca, ou mecanismo hidráulico <i>m. de automóvel</i> 7 aparelho que, com um pilão ou peso, bate na cabeça das estacas para fincá-las no terreno; bate-estacas 8 <i>p. met.</i> esse pilão ou peso 9 MAR aparelho com que se aperta ou folga</p>

a tensão em cabo fixo ou corrente **10** (1889) CONSTR; *B* pilar quadrado em cuja construção são us. apenas dois tijolos por camada **11** (1890) PE paralelepípedo de granito para calçamento de ruas e estradas cf. *pé de moleque* ('calçamento') **12** ENT; *B* m.q. grilo-toupeira (no sentido de 'designação comum')

13 ICT; *B* design. comum a algumas spp. de peixes perciformes da fam. dos bleniídeos, encontrados ger. junto a rochas **13.1** ICT peixe da fam. Dos bleniídeos (*Parablennius pilicornis*), que ocorre no Mediterrâneo e Atlântico tropical; com cerca de 15 cm de comprimento, corpo pardo uniforme ou com manchas sépias e tentáculo acima do olho em forma de tufo **14** ICT m.q. dourado-domar (*Coryphaena hippurus*) **15** ICT m.q. ²babosa (*Bathygobius soporator*) **16** LUD; *B* no jogo de bicho, o grupo 17 a que correspondem as dezenas 65, 66, 67 e 68 **17** LUD; *B* m.q. ²amarelinha **18** BA casa de penhor; prego **19** (1937) *B*, N.E.; *pej.*; *obsl.* policial das milícias estaduais **20** BA ajudante de vaqueiro **21** (1911) MG, RS galho seco; galho que cai da árvore e atravessa o caminho, impedindo a passagem **22** *P* muco ressecado do nariz; meleca *stirar m. do nariz*; **adjetivo** **23** m.q. macacal **24** que aborrece, entedia; cansativo, enfadonho, monótono *adormeci com sua voz m., repisando sempre na mesma tecla* **25** HIP que tem a cor escura (diz-se de cavalo) **26** que ocorre em circunstâncias terríveis (diz-se de morte) *«o infeliz teve uma morte m.»*

Fonte: HOv (2024).

Na descrição de “macaco”, um tradutor poderá encontrar três das acepções com teor negativo, relacionando esse animal ao ser humano, quer pelo comportamento (acepções 2 e 4), quer pelo aspecto físico (acepção 3), cujas marcas de uso são *fig.* (*figurado*), *p.ana.* (*por analogia*) e *pej.* (*pejorativo*). Assim como vimos em “baleia”, são sentidos utilizados para ofender ou insultar alguém; portanto, o usuário-tradutor precisaria ser informado e advertido da conotação negativa que reportam ao serem utilizados.

Como se observa no Quadro 4, as línguas de chegada tendem a não marcar esse sentido.

Quadro 4. Equivalentes tradutórios para “macaco”.

Dicionários	Entradas
COIDin-it, 2013	monkey / <i>n</i> scimmia <i>f</i> (p. 627)
COIDit-in, 2013	scimmia <i>f</i> monkey (p. 296)
MIpt-in, 2024	macaco <i>sm</i> 1 monkey. 2 jack
MIin-pt, 2024	monkey <i>n</i> 1 macaco. 2 traquinas (criança).
MIpt-it, 2024	macaco <i>sm</i> 1 ZOO scimmia, macaco. 2 AUTOM martinetto
MLit-pt, 2024	scimmia <i>sf</i> macaco.
CDin-it, 2024	monkey <i>noun.</i> an <u>animal</u> of the <u>type</u> most like man, <i>especially</i> those which are <u>small</u> and have <u>long tails</u> (<i>ie</i> not the apes). scimmia
CDit-in, 2024	scimmia <i>noun</i> [feminine] (ANIMALE) monkey , ape
Lin-it, 2024	monkey (<i>pl</i> monkeys) <i>noun</i> scimmia <i>f</i>
Lit-in, 2024	scimmia <i>sostantivo</i> femminile [con coda] monkey [più grande, senza coda] ape
WRin-it, 2024	monkey <i>n</i> figurative (mischievous child) monello <i>nm</i> , discolo <i>nm</i> , scavezzacollo <i>nm</i> , birbante <i>nm</i> . Look at those kids running around. They're a bunch of monkeys! <i>Guarda quei bambini che corrono. Che monelli!</i>

WRit-in, 2024	scimmia <i>nf</i> (mammifero dei Primati) (animals) monkey, ape <i>n.</i> Allo zoo sono arrivate nuove specie di scimmie dall'Africa. <i>New species of African monkeys have arrived at the zoo.</i>
---------------	---

Fonte: dicionários do *corpus*.

O único dicionário que adverte o uso do equivalente para *monkey* é o WRin-it (2024); no entanto, sua marca (*figurative* – figurado, em português) destaca o comportamento de uma criança apenas, não se referindo às três acepções etiquetadas em “macaco” que remetem a ofensas na língua portuguesa. Diante desse cenário, um tradutor provavelmente não conseguiria recuperar tais sentidos diastráticos para as línguas de chegada e, caso percebesse que a tradução literal não produziria os mesmos efeitos, para não comprometer seu trabalho, teria de ir em busca de outro correspondente tradutório que abarcasse o sentido negativo advindo da língua de partida.

Na sequência, partimos para “dragão”, descrito no Quadro 5:

Quadro 5. Entrada “dragão”.

<p>dragão substantivo masculino 1 MIT animal fabuloso ger. Representado como serpente ou sáurio com o corpo coberto de escamas [Eventualmente ainda pode ter garras de leão, asas de águia ou de morcego, longo pescoço, e uma grande boca, com a língua sagitada ou bífida, que expelle fogo.] 2 <i>p.met.</i>; HER emblema ou insígnia que representa um dragão 3 <i>p.met.</i>; HER, HIST no exército romano, a insígnia da coorte 4 HIST, MIL soldado de cavalaria que podia combater a pé em algumas circunstância 5 REL em linguagem mística (esp. bíblica), um ser que simboliza o poder do mal, o inimigo do gênero humano; diabo, demônio «o d. do apocalipse» 6 <i>p.ext., pej.</i> pessoa de má índole ou rígida e intratável em qualquer circunstância «casou com aquele d. e perdeu a paz» 7 B; <i>infrm.</i> receptor de furtos 8 P (<i>reg.</i>) homem forte e musculoso 9 B; <i>infrm., pej.</i> indivíduo muito feio 10 <i>p.ana. (formal) (da aq. 1)</i>; ASTR constelação do hemisfério boreal; Drago inicial maiúsc. 11 HERP design. Comum aos pequenos lagartos agamídeos do gên. <i>Draco</i>, encontrados na Ásia, com longas costelas cobertas com membranas, o que lhes possibilita planar de uma árvore a outra; dragão-voador 12 ICT peixe teleosteo, perciforme, da fam. Dos gobiídeos (<i>Gobioides braussonnetti</i>), encontrado desde a Flórida até o sul do Brasil, com cerca de 60 cm de comprimento, corpo serpentiforme, coloração marrom com faixas enegrecidas, dorsal única e contínua e pélvicas em disco; amoré, amoré, amoreia, babosa, cundunda, emboré, maiuíra, maria-da-toca, muçurango, muçurungo 13 (1930) ORN; B ave passeriforme, gregária (<i>Pseudoleistes virescens</i>), da fam. Dos emberizídeos, que ocorre no sul do Brasil, semelhante ao chupim-do-brejo, exceto na menor extensão de amarelo no ventre e no tamanho reduzido; dragão-do-banhado, melro-do-brejo 14 VET catarata (no cavalo).</p>
--

Fonte: HOv (2024).

Como se nota, em duas acepções (6 e 9), existe a necessidade de se marcar os sentidos pejorativos que possuem para alertar o consulente de que são usadas em contextos particulares. No entanto, a própria palavra “pejorativo” pode ser opaca para os usuários, se não souberem exatamente seu significado. Diante disso, a inserção da marcação dupla (<pejorativo/ofensa>) poderia sanar uma eventual incompreensão. Da maneira como as marcas *p.ext.* (*por extensão*), *pej.* (*pejorativo*), *B.* (*Brasil*), *infrm.* (*informal*) estão empregadas, não auxiliam totalmente na compreensão dos sentidos negativos.

Esse conjunto de informações precisa ser percebido pelo tradutor durante a busca por equivalentes para a entrada em questão. Vejamos os equivalentes encontrados nos dicionários do *corpus* no Quadro 6.

Quadro 6. Equivalentes tradutórios para “dragão”.

Dicionários	Entradas
COIDin-it, 2013	dragon <i>n</i> drago <i>m</i> (p. 494)
COIDit-in, 2013	drago <i>m</i> drago (p. 113)
MIpt-in, 2024	dragão <i>sm</i> dragon. INFORMAZIONI COMPLEMENTARES PL. dragões.
MIin-pt, 2024	dragon <i>n</i> dragão.
MIpt-it, 2024	dragão <i>sm</i> ZOOLOGIA, MITOLOGIA dragone, drago.
MIit-pt, 2024	drago <i>sm</i> ZOOLOGIA, MITOLOGIA dragão. INFORMAZIONI COMPLEMENTARES SIN. dragone.
CDin-it, 2024	dragon <i>noun</i> a mythical beast, a usually large, winged, fire-breathing reptile. dragone, drago. <i>St George and the dragon.</i>
CDit-in, 2024	drago <i>noun</i> [masculine] plural draghi (RETTILE ALATO) dragon affresco di San Giorgio che uccide il drago fresco of St. George killing the dragon familiar, figurative brilliant person, whiz, genius. È un drago in matematica. He's a whiz at math. Synonym: asso
Lin-it, 2024	dragon <i>noun</i> 1. [beast] drago <i>m</i> . 2. [inf] [woman] megera <i>f</i>
Lit-in, 2024	drago (pl draghi) sostantivo maschile. dragon
WRin-it, 2024	dragon <i>n</i> (mythical fire-breathing creature) drago, dragone <i>nm</i> . The knight killed the dragon and rescued the princess. Il cavaliere uccise il drago e liberò la principessa figurative (difficult or formidable person) cerbero <i>nm</i> burbero <i>nm</i>
WRit-in, 2024	drago <i>nm</i> (animale immaginario) dragon <i>n</i> I draghi esistono solo nelle favole. Dragons only exist in fables. (tipo di rettile) (Asian reptile). komodo dragon <i>n</i> Il drago di Komodo si trova in Indonesia. The Komodo dragon lives in Indonesia. informale (bravissimo, dotato) (colloquial) whiz, virtuoso, ace, hotshot <i>n</i> . Enrico è un drago a poker. Enrico is a whiz at poker.

Fonte: dicionários do *corpus*.

Nas duas direções, tanto em inglês [MIpt-in (2024) e MIin-pt (2024) quanto em italiano [MIpt-it (2024) e MIit-pt (2024)], há marcas técnicas, mas não diacríticas uma vez que não constam sentidos negativos dicionarizados, fato esse que pode ser reconhecido como inadequação nessa obra, pois, sendo uma obra disponível gratuitamente *on-line* e de alta utilização pelos consulentes, deveria registrar mais que um único equivalente ou indicar, por meio das marcas de uso, a ocorrência de outros sentidos como vemos nos dicionários bilíngues CD, L e WR.

Embora esses produtos bilíngues empreguem as necessárias marcas [(*familiar* e *figurative* (em CDit-in) e *informale* e *colloquial* (em WRit-in) para contextualizar o equivalente inglês, e *inf.* (*informal*) para situar o equivalente italiano] acerca do sentido conotativo para “dragão” – em *drago* e em *dragon* –, não são apropriadas por (i) não mencionarem as duas direções, como acabamos de constatar sua ocorrência, e (ii) empregarem etiquetas diferentes e menos abrangentes, pois entendemos que uma marcação dupla como <informal/elogio> para o sentido positivo nas

duas direções de CD e de WR, enquanto <pejorativo/ofensa> para o sentido negativo nas duas direções de Larousse (Lin-it / Lit-in) poderiam oferecer mais esclarecimento contextual ao usuário. Passemos à última entrada a ser analisada, “burro” no Quadro 7.

Quadro 7. Entrada “burro”.

1 **burro substantivo masculino** **1** MASTZOO m.q. jumento (no sentido de 'designação comum', *Equus asinus*) **2** ZOOT; *B* animal híbrido, estéril, produto do cruzamento do cavalo com a jumenta, ou da égua com o jumento; besta, macho, mu, muar, mulo **3** ZOOT; AÇR bovídeo alvação **4** cavalete de madeira sobre o qual trabalham caiadores etc. **5** (1844) *B* espécie de barrote que sustenta na horizontal o cabeçalho do carro de tração animal **6** CNT m.q. burriquete **7** CARP; *B* armação de serrador, de forma e elementos variáveis, us. para fixar a madeira no ato de serrá-la; burra **8** GIN; *P*; *obsl.* cavalo de pau us. na ginástica dita sueca **9** MAR talha (no sentido de 'aparelho de força') que vai do lais da retranca até o canto da alheta [Us. em dupla para impedir que a retranca se parta com os embates da vela de ré.] **10** MAR; *P* talha que aguenta a extremidade da verga grande do caíque (no sentido de 'embarcação'), quando este está fundeado **11** *P* (*reg.*) banco feito de tronco de árvore **12** *P* banco rústico, de pernas de azinheira, que se usa ao pé da chaminé **13** TRM espécie de banco de cardador **14** *P* banco ligado ao cepo no qual o ferrador atarraca o cravo **15** *P* espécie de cama de campanha us. na África **16** *B* aparelho com que se torce o fumo em corda **17** *B* m.q. burra (no sentido de 'engenho de extrair água') **18** SP variedade de prensa de mandioca **19** tradução, palavra por palavra, de um clássico, us. por estudantes como auxiliar no estudo de línguas, esp. as antigas; ³chicha **20** *P*; *cr.* cofre de grande porte ou de parede **21** *P* instrumento cortante us. pelos corticeiros para aparar as arestas da cortiça **22** *P* (*reg.*) divisória de leiras **23** TRM, BEI acha mais grossa na qual se encostam as menores, na lareira; trasfogueiro **24** ALT (*Sesimbra*) espécie de bote **25** (sXVI) MET; *ant.* certa borrasca de sudoeste que atinge a costa de São Tomé **26** AGR; *P* variedade cultivada de figueira (*Ficus carica*), comum em Portugal **26.1** AGR m.q. cachopeiro-preto **27** (1899) CARC; *P*, *N.* m.q. caranguejola (*Cancer pagurus*) **28** CARC; *P* m.q. santola (*Maja squinado*) **29** ENG. MEC pequeno motor auxiliar; burrinho **30** LUD espécie de jogo carteadado simples, de dois ou mais jogadores, em que vence o primeiro que conseguir descartar toda a sua mão; burro deitado **30.1** *p.met.*; LUD o perdedor nesse jogo **31** LUD; *B* no jogo do bicho, o terceiro grupo, que corresponde ao número três e que inclui as dezenas nove, dez, onze, doze **32** REL; *B* na quimbanda e na umbanda popular, termo us. pelos exus encarnados para designar o seu médium **33** VITIC; *P* (*reg.*) ramo de videira que se enterra para criar raízes **adjetivo e substantivo masculino** **34** *fig.; pej.* que ou aquele que é falto de inteligência; estúpido, tolo **35** *fig.; pej.* que ou o que é ignorante, falto de informação, de cultura **36** *fig.* Que ou aquele que é teimoso; obstinado **37** AGR; *P* diz-se de ou certa variedade de maçã esbranquiçada **38** AGR; *P* diz-se de ou certa variedade de maçã (pero) que amadurece de setembro a janeiro no hemisfério norte **adjetivo** (1877) **39** ALT não cozido em forno (diz-se de certo tipo de tijolo).

Fonte: HOv (2024).

Constatamos que três sentidos estão marcados por *fig.* (*figurado*) e *pej.* (*pejorativo*), os quais poderiam ser substituídos por <pejorativo/xingamento>, visto que são afrontas que visam insultar alguém, além de deixar mais claro o alerta contextual para o usuário. Vejamos os equivalentes encontrados no Quadro 8.

Quadro 8. Entrada “burro”.

Dicionários	Entradas
COIDin-it, 2013	donkey <i>n</i> asino <i>m</i> donkey jacket <i>n</i> giacca <i>f</i> pesante donkey's years; <i>infml</i> not for ~ non da secoli donkey work <i>n</i> sgobbata <i>f</i> donor <i>n</i> donatore, -trice (p. 492)
COIDit-in, 2013	asino <i>m</i> donkey; fig (persona stupida) ass; Sch dunce; qui casca l'~! fig that's where it falls down! (p. 29)
MIpt-in, 2024	burro <i>sm</i> 1 donkey, mule, jackass, burro. 2 stupid fool. 3 children's game at cards. <i>adj</i> stupid, foolish: <i>burro velho não aprende línguas / an old dog will not learn new tricks</i>
Mlin-pt, 2024	donkey <i>n</i> 1 burro, asno. 2 pessoa ignorante
MIpt-it, 2024	burro <i>sm</i> 1 ZOOOL asino, somaro, ciuco. 2 POP stupido, testone. 3 FIG rapa. <i>adj</i> grullo, testone
MIit-pt, 2024	asino <i>sm</i> 1 ZOOOL asno, burro. 2 FIG ignorante, burro
CDin-it, 2024	donkey <i>noun</i> a <u>domesticated animal</u> with long ears <u>related</u> to the horse but smaller. asino a stupid person asino, somaro . <i>Don't be such a donkey!</i>
CDit-in, 2024	asino <i>noun</i> [masculine] (ANIMALE) donkey, ass. Qui casca l'asino! There's the rub! legare l'asino dove vuole il padrone. to do as the boss tells you. figurative (PERSONA) jackass, fool, dunce. <i>fare la figura dell'asino to look like a fool</i>
Lin-it, 2024	donkey (pl donkeys) <i>noun</i> asino <i>m</i>
Lit-in, 2024	asino <i>sostantivo maschile</i> . 1. [animale] donkey, ass 1. [persona] ass
WRin-it, 2024	donkey <i>n</i> (animal) (letterale) asino, somaro <i>nm</i> (familiar) ciuco <i>nm</i> Children were riding donkeys on the beach. <i>I bambini cavalcavano degli asini in spiaggia.</i> figurative (stubborn person) (colloquiale) testone, zuccone <i>nm</i> . John won't change his mind no matter how much you argue; he's a real donkey. <i>Puoi discutere quanto vuoi, ma John non cambierà mai idea; è un vero zuccone.</i> figurative, pejorative (stupid person) (figurato) asino, somaro <i>nm</i> . That's not how you do it, you donkey! <i>Non si fa così, razza di somaro!</i>
WRit-in, 2024	asino <i>nm</i> (mulo) donkey <i>n</i> , ass <i>n</i> . L'asino veniva spesso utilizzato per il trasporto di ogni genere di cose. <i>Donkeys were often used to carry all sorts of goods.</i> asino, asina <i>nm, nf</i> figurato, spregiativo (incolto, ignorante) dunce <i>n</i> , dullard <i>n</i> , ass <i>n</i> . Mio figlio è un asino, non vuole mai fare i compiti. <i>My son is a dunce, he never wants to do his homework.</i>

Fonte: dicionários do *corpus*.

Além disso, nas duas direções, em MIpt-in (2024) e Mlin-pt (2024), temos FIG – marca que é bastante genérica, podendo não deixar totalmente claro o peso ofensivo que carrega em português – e POP, marca diastrática que merece alguns comentários pontuais.

A perspectiva diastrática se refere à estrutura social a que pertence o falante; consequentemente, é influenciado e (re)produz determinado nível linguístico por meio da escolha de uso de seus itens lexicais, os quais revelam características socioculturais presentes no vocabulário.

A perspectiva diastrática se refere à estrutura social a qual pertence o falante, que é, consequentemente, influenciado por ela e (re)produz determinado nível linguístico por meio da escolha de uso de seus itens lexicais, os quais revelam características socioculturais presentes no vocabulário. Diante disso, a etiqueta “popular” serve para indicar que a entrada ou sua acepção se refere ao povo, próprio dele, destinado a ele, que se relaciona à língua falada pelas classes

trabalhadoras, quer dizer, circula entre a massa populacional, porém, é evitada ou se mostra ausente em um ambiente de estrato social mais elevado (classes A e B), pois essa parcela tende a não usar a mesma linguagem (erudição vocabular demonstra um traço de distinção entre as pessoas, por exemplo, que tiveram mais contato com a educação formal). Para o lexicógrafo de MIpt-it, a acepção 2 se encaixaria nesse contexto social, quer dizer, nas camadas populares, o que não necessariamente possa ocorrer já que são correspondentes tradutórios que circulam nas variadas classes sociais; isto posto, acreditamos que poderia ser utilizada a marcação dupla <pejorativo/xingamento>.

Por fim, temos na direção COIDit-in o reconhecimento do sentido particular [*fig. (persona stupida)*], que, em uma tradução literal, seria “pessoa idiota”. Todavia, note-se que foi preciso uma explicação na sequência ao emprego da etiqueta. Isso pode ser caracterizado como uma inadequação, dado que, se a marca não for capaz de esclarecer o contexto de uso para o consulente, significa que precisa ser revista e trocada, assim como ocorre nas duas direções de WR ao empregarem suas marcas e, imediatamente, tentarem oferecer mais informações referentes ao contexto.

Além disso, acreditamos que em MIpt-in (2024), MIin-pt (2024)] e CDit-in (2024), os sentidos figurados deveriam ser melhor esclarecidos, visto que é um tipo de marca muito abrangente que ressalta apenas que se trata de um sentido conotativo, uma vez que seria muito mais útil ao particularizar seu emprego em contexto. Como são sentidos negativos e ofensivos, acreditamos que a marcação dupla <pejorativo/xingamento> poderia orientar melhor os consulentes e, então, otimizar o processo tradutório.

7. Dificuldades tradutórias concernentes à imprecisão ou ausência de marcas de uso

Como professores de práticas de tradução e usuários das línguas em questão, em discussão em sala de aula sobre as escolhas tradutórias, verificamos as necessidades apontadas anteriormente. Sendo assim, para ilustrar as inadequações nas traduções dos alunos decorrentes do uso inapropriado das marcas de uso nos dicionários *on-line* do *corpus*, podemos identificar dificuldades comuns relacionadas à falta de precisão ou inconsistência na inserção de etiquetas lexicográficas em verbetes de dicionários que podem causar confusão em contextos tradutórios específicos.

À vista disso, trazemos alguns exemplos de falhas potenciais com base nos dicionários do *corpus*:

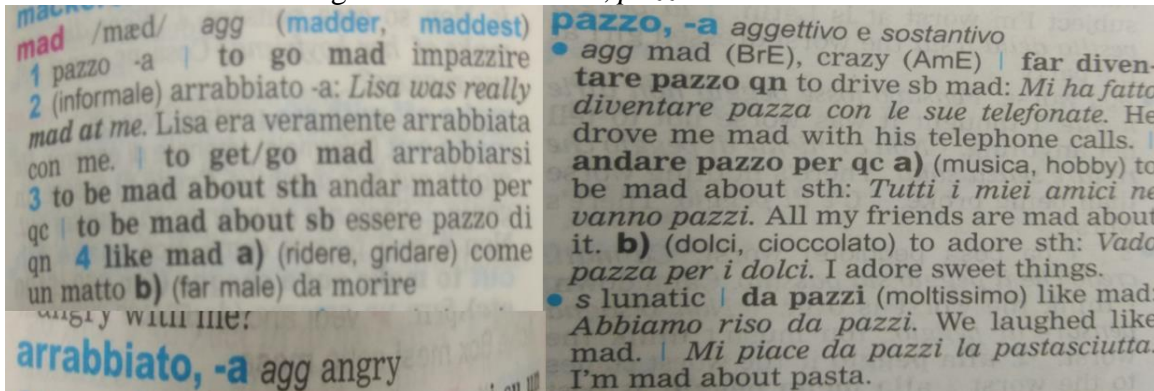
- (i) ambiguidade ou ausência de marcas de uso: em COIDin-it/COIDit-in (2013) e MIpt-in/MIin-pt (2024), acepções que possuem significados específicos em contextos formais e informais nem sempre são devidamente etiquetadas. Um exemplo seria a palavra inglesa *mad*, que pode significar “louco”, em sentido informal e às vezes, pejorativo, ou “irritado” (Figura 1); caso o dicionário falhe em indicar essas nuances, o aluno pode traduzir *mad* como “louco” mesmo quando “irritado” pudesse ser mais apropriado, como, por exemplo, na frase “He was **mad** after hearing that she broke the chair”, que poderia ser traduzida, mais acertadamente, da seguinte forma para o italiano “Si è **arrabbiato** molto quando ha saputo che lei aveva rotto la sedia.” e para o português “Ele ficou **bravo** quando soube que ela quebrou a cadeira” para que se mantivesse o sentido pretendido na língua de partida.

Figura 1. Entradas *mad*, “louco” e “furioso”



Fonte: Mlin-pt/Mlin-pt (2024).

Figura 2. Entradas *mad*, *pazzo* e *arrabbiato*



Fonte: COIDin-it/COIDit-in (2013).

Como se nota na Figura 2, encontramos *informale* (informal, em português) na segunda acepção de *mad* (louco, em português) e *BrE* (inglês britânico, em português) e *AmE* (inglês norte-americano, em português), em *pazzo* (louco, em português), as quais não esclarecem os contextos de uso porque, em *mad*, seu consulente precisaria reconhecer um sentido figurado e, em *pazzo*, essas marcas diatópicas só indicam possibilidades de origem ou de maior ocorrência; logo, não há marcas de uso que possam auxiliar os tradutores aprendizes em formação a entender as diferenças semânticas e contextuais.

- (ii) inadequação cultural nas traduções: em Cambridge Dictionary ou WordReference, certas palavras como *patrono* (em italiano) e *boss* (em inglês) podem ser mal interpretadas devido à ausência de marcas de uso que distingam entre conotações regionais ou contextos formais; a tradução direta poderia levar a uma escolha equivocada, como traduzir *boss*³ em

³ Em um contexto em que *boss* seja utilizado como adjetivo, por exemplo, *His new car is so boss!*, seria melhor considerar como escolha tradutória *favoloso*, *fantastico* e teríamos *La sua auto nuova è favolosa!*

um contexto gírio como *patrono* sem entender que *boss*, como gíria, poderia ser mais informal e não diretamente correspondente (Figura 3).

Figura 3. Entradas *boss* e *patrono*

The image shows two side-by-side dictionary entries from WordReference. The left entry is for 'boss' in English, showing its pronunciation in UK and US, and its principal translations into Italian: 'capo' (manager) and 'boss' (criminal). The right entry is for 'patrono' in Italian, showing its pronunciation and principal translations into English: 'patron, protector' and 'patron saint'.

Fonte: WRin-it/WRit-in (2024).

Figura 4. Entradas *boss* e *patrono*

This figure provides detailed dictionary entries. On the left, the entry for 'boss' is shown as a noun with UK and US pronunciations, a definition: 'someone who is responsible for employees and tells them what to do', and the Italian translation 'capo'. On the right, the entry for 'patrono' is shown as a masculine noun with the pronunciation /pa'trɔno/. It lists the feminine forms 'patrona' and 'patronessa', and provides the translation '(SANTO) patron saint' with the example 'San Francesco è il patrono d'Italia'. It also lists 'patron, sponsor, supporter' and the phrase 'essere il patrono di una manifestazione'.

Fonte: CDin-it/ CDit-in (2024).

Já na Figura 4, salvo pela indicação *santo*, não há marcas de uso, o que pode atrapalhar ou mesmo confundir os estudantes para sua compreensão das diferenças semânticas e contextuais desses itens lexicais.

(iii) sentidos pejorativos ou de uso restrito: em Larousse (Figura 5) e Michaelis (Figura 6), palavras como “vagabundo”, que em português pode ser tanto um insulto quanto uma referência neutra ao modo de vida errante, não trazem, por vezes, marcas que clarifiquem o potencial pejorativo; assim, um aluno pode traduzir *vagabond* (inglês) como “vagabundo” sem perceber a conotação negativa em português, ou traduzir *vagabond* como “andarrilho” quando “vagabundo” seria o emprego adequado, em um contexto de discussão (por exemplo, entre personagens de quadrinhos).

Figura 5. Entradas *vagabond* e *vagabondo*.

The screenshot shows a dictionary interface with two columns. The left column is for the English word 'vagabond' and the right column is for the Italian word 'vagabondo'. Above each column are flags for 'INGLESE' (English) and 'ITALIANO' (Italian). Below the flags are the words and their phonetic transcriptions: [vægebɒnd] for 'vagabond' and (f vagabonda) for 'vagabondo'. Underneath, the parts of speech are listed: 'noun' for 'vagabond' and 'sostantivo maschile, femminile' for 'vagabondo'. A small entry for 'tramp' is also visible under 'vagabondo'.

Fonte: Lin-it (2024) e Lit-in (2024).

Figura 6. Entrada *vagabondo* e seus equivalentes em português

The screenshot shows the 'Dizionario Escolar Italiano' website. The main entry is for 'vagabondo'. It provides the Italian pronunciation [vaga.bon.do] and the Portuguese pronunciation [vaga.bon.do]. The word is classified as 'sm+agg'. The Italian definitions are: 1. vagabondo, vadio. 2. errante, nômade. The Portuguese definitions are: 1. vagabondo. 2. errante, girovago, randagio. 3. sfaccendato, ozioso.

Fonte: MIin-pt (2024).

Como se observa nas Figuras 5 e 6, não há marcas de uso que possam auxiliar, principalmente, aprendizes de tradução em início de formação na diferenciação contextual a ser utilizada apropriadamente.

Em consequência disso, essas inapropriações podem ocorrer devido à falta de marcas de uso ou à inconsistência na aplicação dessas etiquetas nos dicionários, o que impacta diretamente a precisão das traduções; desse modo, reforçamos a necessidade de aprimoramento na inserção de etiquetas lexicográficas em verbetes, garantindo que os estudantes possam ter acesso a informações mais detalhadas sobre o contexto, uso e conotações de palavras em múltiplos registros.

8. Considerações finais

Por meio desta pesquisa, esperamos ter conseguido evidenciar a intrínseca relação entre Tradução e Lexicografia, além de ressaltar que as marcas de uso presentes nos produtos lexicográficos podem auxiliar enormemente no processo tradutório. Além de contribuir para os profissionais, também acreditamos que este estudo possa ser útil a estudantes de tradução, dado que os DB do *corpus* são muito utilizados por tradutores em formação, os quais precisam ter subsídios para a organização e escolha do material de consulta (dicionários, glossários etc.) para realizar seus estudos e trabalhos acadêmicos, parecendo-nos pertinente e relevante essa instrumentalização da prática tradutória.

Conscientes das marcas de uso, tanto tradutores experientes quanto aqueles em formação podem aprimorar suas habilidades levando em consideração o tempo dedicado à tradução e revisão, assim como descobrir a forma mais eficiente de buscar soluções tradutórias oportunas, a fim de planejar com maior precisão as estratégias de tradução.

Para concluir, é importante destacar que as marcas de uso presentes em microestruturas de dicionários são de auxílio excelente no processo de tradução, conforme pode ser notado a respeito dos diferentes graus de envolvimento contextual com os quais os tradutores lidam ao traduzirem seus textos. Um olhar atencioso às marcas de uso possibilitará ao tradutor uma compreensão melhor dos contextos em que determinadas acepções e/ou sentidos circulam, garantindo-se, portanto, que as traduções permaneçam pertinentes tanto do ponto de vista linguístico quanto em termos contextuais.

Referencias bibliográficas

- Armstrong, N. (2005). *Translation, Linguistics, culture: A French-English handbook*. Multilingual Matters.
- Bertonha, F. H. C. (2022). *Marcas de uso e sua importância em dicionários escolares: Proposta de etiquetagem em marcação dupla*. [Doctoral dissertation, São Paulo State University]
- Bertonha, F. H. C., Zavaglia, C. (2022). A contribuição das marcas diatélicas para tradutores técnicos: usuários das línguas de especialidade. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 61, pp. 71-85.
- Biderman, M. T. C. (1984). *A ciência da Lexicografia*. Alfa, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 1-26, 1984.

- Casares, J. (1984). *Semântica e Lexicografia*. Tradução de Balbina Lorenzo Feijóo-Hoyos. *Alfa*, n. 28, pp. 71-101.
- Cronin, M. (2006). *Translation and Identity*. Routledge.
- Fajardo, A. (1997). Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica en la Lexicografía española. *Revista de Lexicografía*, v. 111, pp. 31-57.
- Farghal, M. (1994). Ideational Equivalence in Translation. En: Beaugrande, R., Shunnaq, A., Heliel, M. H. (ed.). *Language, Discourse and Translation in the West and Middle East*. J. Benjamins. pp. 55-63.
- Garriga Escribano, C. (2003). Marcas. En: Guerra, A. M. M. (coord.). *Lexicografía española*. Editorial Ariel, S. A., pp. 115-119.
- Houaiss, A., Villar, M. S. (2024). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. UOL: Editora Objetiva. https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#0.
- Hurtado Albir, A. (2011). *Traducción y Traductología*. Introducción a la Traductología. 5. ed. Cátedra.
- Jeuge-Maynard, I. (2024). *Larousse inglese-italiano*. Larousse. www.larousse.com/it/dizionari/inglese-italiano.
- Jeuge-Maynard, I. (2024). *Larousse italiano-inglese*. Larousse. www.larousse.com/it/dizionari/inglese-italiano.
- Lara, L. F. (1996). *Teoría del diccionario monolingüe*. El Colegio de México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios.
- Lara, L. F. (2004). O dicionário e suas disciplinas. En: Isquierdo, A. N.; Krieger, M. da G. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. vol. II. Editora UFMS, pp. 133-152.
- Oliveira, R. A., Nadin, O. L. (2018). Seleção e análise de contextos de uso em corpora de língua espanhola: reflexões sobre candidatos a exemplos lexicográficos. *Revista EntreLínguas*, Araraquara, v. 4, n. 2. pp. 281-301. <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/viewFile/11844/7785>.
- Phillips, P. (2024). *Cambridge Dictionary Italian-English*. Cambridge University Press. Dicionario Cambridge: Traduci dall'inglese all'italiano.
- Phillips, P. (2024). *Cambridge Dictionary English-Italian*. Cambridge University Press. Dicionario Cambridge italiano-inglese: traduci dall'italiano all'inglese.
- Polito, A. G. (2024). *Michaelis Dicionário Escolar Italiano-Português*. Editora Melhoramentos. <https://michaelis.uol.com.br/escolar-italiano/>.
- Polito, A. G. (2024). *Michaelis Dicionário Escolar Português-Italiano*. Editora Melhoramentos. <https://michaelis.uol.com.br/escolar-italiano/>.
- Quemada, B. (1972). *Lexicology and lexicography*. En: Current Trends in Linguistics (vol. LX) ed. by T.A. Sebeok et al. Mouton.
- Rey, A. (1970). Typologie génétique des dictionnaires. En: Rey-Debove, J. (ed.). *Langages*, 5^e année, n. 19, La lexicographie. pp. 48-68. https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1970_num_5_19_2591.
- Rey-Debove, J. (1971). *Etude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. Mouton.
- Rodríguez Barcia, S. (2016). *Introducción a la Lexicografía*. Síntesis.
- Rosa, M. C. (2010). *Introdução à (Bio)Linguística: linguagem e mente*. Contexto.
- Santos, F. E., Marques, A. L. S. (2012). Tradução e língua: visão de mundos, mundos de visões. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 7, n. 7, pp. 73-80. <https://www.seer.ufrgs.br/conexaolettras/article/view/55461>.
- Seabra, C. T. C., Welker, H. A. (2011). Questões teóricas genéricas. En: Xatara, C., Bevilacqua, C. R., Humblé, P. R. M. (org.) *Dicionários na teoria e na prática como e para quem são feitos*. Parábola Editorial. pp. 29-37.
- Strehler, R. G. (1998). Marcas de uso nos dicionários. En: Oliveira, A. M. P., Isquierdo, A. N. (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Volume I. Ed. da UFMS. pp. 171-180.
- Summers, D. (2013). *Compact Oxford Italian dictionary: English-Italian / Italian-English*. Oxford.

- Trevisan, R. (2024). *Michaelis Dicionário Escolar Inglês-Português*. Editora Melhoramentos. <https://michaelis.uol.com.br/escolar-ingles/>.
- Trevisan, R. (2024). *Michaelis Dicionário Escolar Português-Inglês*. Editora Melhoramentos. <https://michaelis.uol.com.br/escolar-ingles/>.
- Welker, H. A. (2003). *Uma pequena introdução à lexicografia*. Thesaurus.
- Welker, H. A. (2004). Marcas de uso. En: Welker, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. 2. ed. revista e ampliada. Thesaurus. pp. 130-149.
- Kellogg, M. (2024). *WordReference English-Italian*. Word Reference. Dizionario inglese-italiano WordReference.
- Kellogg, M. (2024). *WordReference Italian-English*. Word Reference. Dizionario italiano-inglese WordReference.